

## JUSCELINO KUBITSCHKE

# Cumpra-nos apagar ressentimentos e amarguras com os nossos triunfos

*Este é um Papo-cabeça póstumo, pesquisado e editado por Elifas Andreato, construído a partir da autobiografia Meu Caminho para Brasília.*

JK foi um vencedor. A história já lhe reservou lugar imorredouro na memória dos brasileiros. Bastaria ter plantado no Planalto Central aquele monumento universal que é Brasília. Mas JK foi mais. Governou com irrepreensível espírito democrático e inaudita tolerância para com adversários e até inimigos, dos quais jamais guardou mágoa alguma.

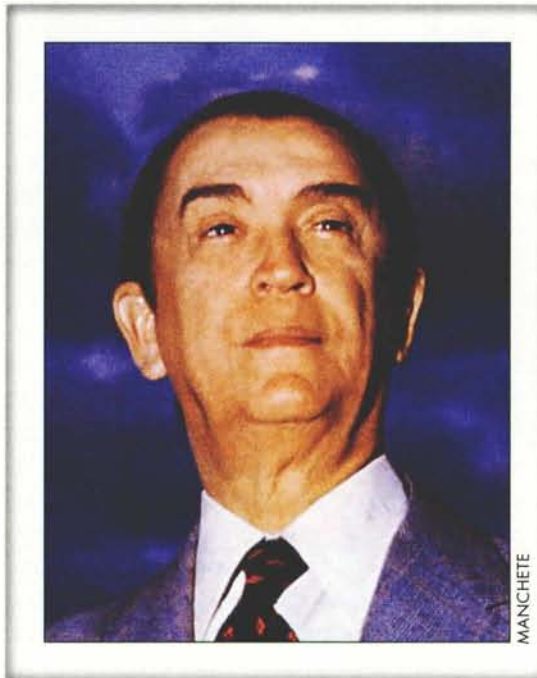
**ALMANAQUE BRASIL:** Por que, só tanto tempo depois de ter sido cassado, o senhor resolveu escrever suas memórias?

**JUSCELINO KUBITSCHKE:** No repassar de meu destino, subiam à tona de minha consciência as emoções de outrora, numa volta ao tempo perdido. E amigos, e companheiros, e seres queridos refluíam como poeira de ouro no raio de sol do fio das lembranças. Essa emoção do reencontro, só por si, valia o ato de recordar.

**AB:** Voltemos ao começo. Onde o senhor nasceu?

**JK:** Nasci em Diamantina, a 12 de setembro de 1902, num sobrado que pertencia ao meu avô e ficava na Rua Direita, quase em frente da catedral. Era um casarão colonial, como tantos outros da cidade – reminiscência, certamente, da época opulenta dos faiscadores.

**AB:** Muitos brasileiros não sabem nada



JUSCELINO KUBITSCHKE

“Sempre lutei com todas as minhas forças para vencer meus adversários, mas já mais os humilhei após a vitória.”

do senhor. Da infância, qual a lembrança mais forte que o senhor guarda?

**JK:** Dentre as imagens da infância, creio que a mais longínqua e certamente a mais impressiva em meu espírito foi a do enterro de meu pai. Eu tinha, nesse tempo, três anos.

**AB:** Qual a importância dos pais na sua formação?

**JK:** Embora meu pai ganhasse razoavelmente como caixeiro-viajante, minha mãe não quis abandonar o posto de professora. Foram vindo os filhos: Eufrosina, em 1900, mas só tendo vivido, infelizmente, poucos meses; Maria da Conceição – Naná –, em 1901; e eu, em 1902.

Meu pai, entretanto, de acordo com as informações dos que o conheceram, não era só o homem dos saraus e das modinhas ao violão. “Conservaria a mesma vocação de samaritano” – são palavras do escritor Francisco de Assis Barbosa, que fez exaustivas pesquisas a esse respeito – “sempre em movimento, atendendo a quantos o procurassem para um auxílio ou para um simples conselho. A doçura do trato, a comunicabilidade, o desejo de servir completavam sua generosa natureza humana, o seu todo político, no sentido bem mineiro da palavra: cortês, bem-educado, prestativo.”

**AB:** E da sua mãe?

**JK:** Minha mãe possuía métodos eficientes

para educar e ensinar. Era-nos facultado brincar à vontade, mas só depois de aprendida a lição. Outra norma imperativa: tarefa iniciada devia ser tarefa concluída. A nenhum aluno permitia suspender o dever para assistir passar a procissão na rua. A obrigação estava sempre em primeiro lugar, e esta advertecia, à força de repetição, fixou-se-me no subconsciente e erigiu-se para mim, mais tarde, em base de filosofia de vida. Bondade, ternura, firmeza e disciplina – eis os traços marcantes do caráter de minha mãe. É indispensável combiná-los para recompor, com exatidão, sua verdadeira e curiosa personalidade.

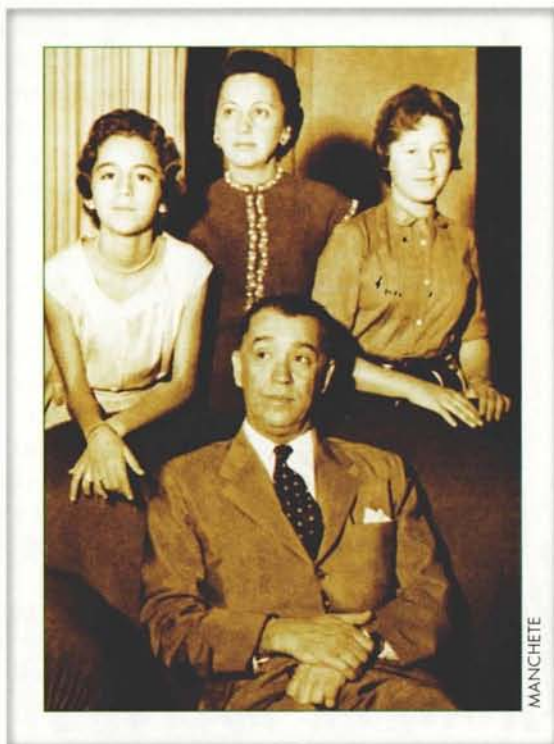
**AB:** Como conseguiu chegar, mesmo sendo pobre, a ser presidente da República?

**JK:** Meditando sobre nossas dificuldades, percebi que de nada valeriam aqueles insignificantes biscoitos para melhorar a situação. O importante era ser alguém na vida, e isto eu só conseguiria se possuísse habilitação, se estudasse. A idéia de entrar para o seminário já se me entremostrava como tábuas de salvação. Mas como? Os cem mil-réis que minha mãe ganhava apoucavam-se sensivelmente com a retirada de quarenta mil para o colégio de Naná.

Decidi, então, aprender por mim mesmo. Meu curso primário fora excelente, e eu tinha consciência de me encontrar em nível superior ao dos demais meninos de minha idade. Comecei a ler, febrilmente. Em poucas horas, devorava qualquer livro que me caísse nas mãos. Minha curiosidade se ampliava cada vez mais, e fui descobrindo, aos poucos, o universo maravilhoso que se esconde sob as letras de fôrma. Inspirado pela paixão da leitura, imaginei um curioso sistema de permuta, cuja complexidade e extensão podem ser bem avaliadas pelo sucesso obtido: com apenas meia dúzia de livros pude ler, na base da troca, centenas de outros.

**AB:** Sabemos que para estudar de graça o senhor teria que ser padre. É verdade?

“Nesses momentos cruciais, nunca me faltou o apoio destas duas filhas queridas, ao lado de Sarah, cuja firmeza de caráter...”



JUSCELINO, COM SARAH (AO CENTRO) E AS FILHAS: MÁRCIA E MARISTELA.

...era motivo de admiração por todos, eu me confortava com o carinho, o amor e a dedicação sem limites destas duas crianças.”

**JK:** Esta pergunta me havia sido feita quando ali estive pela primeira vez. Percebendo meu embaraço, minha mãe apressou-se em explicar tudo. O padre Vicente era um espírito tolerante e compreensivo. Achou que a ressalva não tinha grande importância e era uma prova não muito comum de sinceridade, especialmente em nosso caso. Aquiesceu em fazer um pequenino abatimento na mensalidade; sendo ela de cinquenta mil-réis para os alunos *não-apostólicos*, seria para mim, excepcionalmente, de quarenta mil-réis.

**AB:** Num discurso de campanha em 1955, o senhor abordou o problema da juventude, disse que aprendeu na própria carne a dura lição de que as portas dos poderosos raramente estão abertas para os necessitados. Dizem que o senhor procurou emprego para custear os estudos, mas não encontrou.

**JK:** Percorri toda a cidade, de armazém em armazém, de loja em loja, de venda em venda. Não escolhia tarefa, nem discutia ordenado. Estava disposto a tudo. Mas foi em vão.

**AB:** Como era a casa em Diamantina? O quarto onde o senhor estudava era confortável?

**JK:** Meu quarto era bem-acanhado. Não comportava mais que a cama e uma minúscula mesa, feita de caixote, com a respectiva cadeira, arranjada não sei onde.

E aí, de fato, às seis horas da manhã, eu começava a estudar. Era amplíssimo e livre o tempo de que eu dispunha – e, assim, além de me dedicar às matérias do currículo oficial, prossegui lendo tudo o que me caía nas mãos.

**AB:** Depois do seminário em Diamantina, o senhor teria de mudar para a Capital. Como foi tomar essa decisão?

**JK:** À falta de recursos, eu não podia nem sequer pensar na viagem. Coincidiu, porém, que meu primo João Kubitschek estava de malas prontas para ir à Capital: poderia ser o portador da papelada. Discuti o assunto

com minha mãe — e eu bem sabia que ela estava disposta a quaisquer sacrifícios para encaminhar-me na vida.

**AB:** Qual foi a reação de sua mãe?

**JK:** Apesar das privações que sofreu, minha mãe jamais se queixou. Mantinha sempre a mesma atitude serena, a mesma compostura digna, diante dos filhos, no lar, como diante dos parentes, amigos ou simples conhecidos, na rua ou nas residências que freqüentava. Mas era capaz de cortar na própria carne, quando necessário, para encaminhar os filhos. Dizia-nos com freqüência: “A educação é a única herança que deixarei para vocês.”

**AB:** E em Belo Horizonte, como foi?

**JK:** Minha juventude transcorreu, assim, na uniformidade e mesmice características de minha condição. Não creio ter revelado nenhuma qualidade extraordinária. Na pobreza em que vivia despertaria mais simpatias do que inveja ou malquerença. Entretanto, eu sentia afirmar-se em mim um sentimento bem nítido e forte, que sabia não ser comum — a decisão e a serenidade em face do perigo, a força para enfrentar o risco ou a adversidade.

**AB:** O senhor foi concursado e o primeiro emprego foi como telegrafista nos Correios. Como foi isso?

**JK:** Se o contato com Belo Horizonte me encantou, trouxe-me, por outro lado, sérias preocupações. Eu levava um objetivo determinado, e era preciso que obtivesse êxito. Assim, já no dia seguinte, dirigi-me à repartição dos telégrafos, a fim de tomar as informações indispensáveis sobre o concurso. Como tinha os papéis em ordem, aproveitei e fiz logo minha inscrição.

Durante vários dias arrastaram-se provas, realizadas numa das salas da Faculdade

Perguntado num comício em Jataí se cumpriria a Constituição: Não hesitei um segundo e respondi, com firmeza: acabo de prometer que...



JUSCELINO, SUPERVISIONANDO OBRAS DE BRASÍLIA.

...cumprirei, na íntegra (...). Durante meu quinquênio, farei a mudança da sede do governo e construirei a nova Capital!

Livre de Direito. Dos 97 candidatos, compareceram 89.

Saí-me razoavelmente bem nas nove provas. Quando o concurso se encerrou, soube, com surpresa, alguns dias mais tarde, que o julgamento seria feito no Rio, com o tormento de uma longa espera. Após 20 dias de permanência em Belo Horizonte, voltei então a Diamantina.

**AB:** E trabalhar de telegrafista da meia-noite às seis, depois passar o dia todo na universidade, como foi?

**JK:** Se a situação já era difícil, trabalho e estudo, tornou-se pior quando ingressei na Faculdade. Tinha de me desdobrar para atender simultaneamente aos deveres de telegrafista e aos compromissos de acadêmico. Foram seis anos de luta intensa e obstinada! Mas de progresso constante. Durante esse período, trabalhei na Morse e, mais tarde, no Budot. Via escoarem-se as noites, enquanto manipulava os aparelhos, enviando mensagens para todos os recantos do país.

**AB:** O senhor é um homem vitorioso. Passou pela história como o melhor presidente que tivemos, mas também teve muitos adversários e alguns inimigos. O senhor guarda mágoa de alguém?

**JK:** Uma existência, por mais vitoriosa que seja, não deixa

de ter sido amalgamada com sofrimentos e lutas. Entretanto, cumpre-nos apagar esses ressentimentos e amarguras com os nossos triunfos. Só assim o exercício da vida se engrandece.

Dando um balanço no que realizei, ao longo do caminho que me levou ao Palácio Central para ali edificar a Capital de meu país, quero ser o primeiro a reconhecer que só esse triunfo, que a História recolheu nas suas páginas imprecáveis, bastaria para atenuar na minha natureza qualquer impulso de cólera ou de revolta.

JUSCELINO *prefeito*

1940 - 1945

guscelino Kubitschek de Oliveira, médico,  
inteligência aguçadora, correntes bonissimas, es-  
pírito culto e de longa vista, empreendendo a des-  
tino, completou a pavimentação da cidade,  
urbanizou a dotou de grandes melhoramentos,  
a Pariputhe, construiu o Hospital Municipal,  
o Lar dos Meninos, os Restaurantes populares,  
o Museu Histórico de São Huguem, o Amiti-  
eis da Lanchade, iniciou a construção de gran-  
de Teatro Municipal e realizou tantas outras  
grandes obras que estão consagradas no seu  
relatório.

Abilio Barreto

A PREFEITURA DE BELO HORIZONTE  
CONVIDA PARA A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

**JUSCELINO** *prefeito*  
1940 - 1945

DIA 16 DE ABRIL DE 2002 ÀS 20 HORAS  
SALA USIMINAS . MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO  
AV. PRUDENTE DE MORAIS 202 . CIDADE JARDIM  
BELO HORIZONTE . MINAS GERAIS

